

### Motivações maternas para não oferecer tecnologias aos seus bebês

*Maternal motivations for not offering technology to their babies*

*Motivaciones maternas para no ofrecer tecnologías a sus bebés*

*Motivations des mères pour ne pas offrir des technologies à leurs bébés*

 10.5020/23590777.rs.v24i2.e13738

**Bruna Gabriella Pedrotti**  

Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Giana Bitencourt Frizzo**  

Professora Associada do Instituto de Psicologia e do Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

#### Resumo

Investigaram-se as motivações de mães de bebês de até 2 anos para não oferecer tecnologias nos momentos de cuidado, interação e entretenimento de seus bebês, e as orientações de profissionais sobre o uso de telas recebidas por elas. Realizaram-se entrevistas individuais com 8 mães de bebês que tinham entre 3 e 23 meses, sendo 5 meninas. A partir de análise temática, identificou-se que as participantes relacionaram o uso de telas às necessidades dos adultos, não dos bebês, e relataram priorizar atividades interativas com os filhos. Mesmo sem receber orientações de profissionais sobre o uso de telas por bebês, a busca por conhecimento científico sobre o assunto influenciou a escolha de algumas mães em não oferecer telas aos filhos. Os resultados desta pesquisa apontam que não foram as orientações de profissionais sobre o uso de telas que influenciaram a escolha das participantes em prescindir destas tecnologias, mas suas características pessoais.

**Palavras-chave:** mídias digitais; telas; relações mãe-criança; pesquisa qualitativa.

#### Abstract

*The motivations of mothers of babies up to 2 years old to not offer technology during moments of care, interaction, and entertainment for their babies were investigated, as well as the guidance from professionals on the use of screens received by them. Individual interviews were conducted with eight mothers of babies aged between 3 and 23 months, of whom five were girls. From thematic analysis, it was identified that the participants related the use of screens to the needs of adults, not babies, and reported prioritizing interactive activities with their children. Even without receiving guidance from professionals on the use of screens by babies, the search for scientific knowledge on the subject influenced the choice of some mothers not to offer screens to their children. The results of this research indicate that it was not the guidance of professionals on the use of screens that influenced the participants' choice to do without these technologies but their characteristics.*

**Keywords:** digital media, screens, mother-child relationships, qualitative research.

#### Resumen

*Fueron investigadas las motivaciones de madres de bebés de hasta 2 años para no ofrecer tecnologías en los momentos de cuidado, interacción y entretenimiento de sus bebés, y las orientaciones de profesionales sobre el uso de pantallas recibidas por ellas. Fueron realizadas entrevistas individuales con 8 madres de bebés que tenían entre 3 y 23 meses, siendo 5 niñas. A partir del análisis temático, se*

*identificó que las participantes relacionaron el uso de pantallas a las necesidades de los adultos, no de los bebés, e informaron priorizar actividades interactivas con los hijos. Mismo sin recibir orientaciones de profesionales sobre el uso de pantallas por bebés, la búsqueda por conocimiento científico sobre el asunto influyó la elección de algunas madres en no ofrecer pantallas a los hijos. Los resultados de esta investigación indican que no fueron las orientaciones de profesionales sobre el uso de pantallas que influenciaron la elección de las participantes en prescindir de estas tecnologías, sino sus características personales.*

**Palabras clave:** *medios digitales; pantallas; relaciones madre-niño; investigación cualitativa.*

### **Resumé**

*Nous avons enquêté sur les motivations des mères de bébés jusqu'à 2 ans pour ne pas offrir de technologies pendant les soins, les interactions et les moments de divertissement de leurs enfants, ainsi que sur les conseils reçus des professionnels concernant l'utilisation des écrans. Des entretiens individuels ont été menés avec 8 mères de bébés âgés de 3 à 23 mois, dont 5 étaient des filles. À partir de l'analyse thématique, il a été identifié que les participantes ont associé l'utilisation des écrans aux besoins des adultes plutôt qu'à ceux des bébés et ont indiqué avoir priorisé les activités interactives avec les enfants. Même sans recevoir de conseils de professionnels sur l'utilisation des écrans par les bébés, la recherche de connaissances scientifiques sur le sujet a influencé la décision de certaines mères de ne pas offrir d'écrans à leurs enfants. Les résultats de cette recherche indiquent que ce ne sont pas les directives des professionnels sur l'utilisation des écrans qui ont influencé le choix des participants de se passer de ces technologies, mais leurs caractéristiques personnelles.*

**Mots-clés:** *médias numériques ; écrans ; relations mère-enfant ; recherche qualitative.*

---

Os dois primeiros anos de vida têm grande importância em longo prazo, pois, nesta fase, as crianças estão desenvolvendo suas habilidades cognitivas, linguísticas, sensório-motoras, emocionais e de autorregulação, o que exige uma exploração prática e interação social com cuidadores confiáveis, para que se dê uma maturação bem-sucedida (Sociedade Brasileira de Pediatria [SBP], 2020). Devido a isso, diversos pesquisadores das áreas de pediatria e psicologia têm demonstrado preocupação com as possíveis influências do uso de mídias digitais, como televisão, *smartphones* e *tablets* no desenvolvimento infantil.

Dentre os possíveis riscos destacados pela literatura estão problemas de autorregulação (Radesky et al., 2014), maior incidência de obesidade infantil (American Academy of Pediatrics [AAP], 2016), influência negativa das mídias digitais no sono das crianças (Cheung et al., 2017), associação negativa com aspectos cognitivos e de linguagem (Guellai et al., 2022; Maia & Gonçalves, 2019). Já os possíveis benefícios associados ao uso de mídias digitais pelos bebês estão relacionados à aquisição de habilidades, como o aprendizado através do uso de vídeos (Dayanim & Namy, 2015) e a possibilidade de transferência de aprendizado da mídia digital para objetos 3D e vice-versa, mas apenas quando há mediação parental (Zack & Barr, 2016). Nesse sentido, outra particularidade desta faixa etária é o fato de que bebês e crianças pequenas dependem de seus pais para terem acesso às mídias digitais (Fitzpatrick et al., 2023; Radesky & Christakis, 2016).

Dessa forma, os aspectos que têm ganhado destaque em manuais de orientações das sociedades de pediatria dizem respeito ao tempo, início e tipo de exposição das crianças às mídias digitais. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2020), por exemplo, orienta que o tempo de uso diário de mídias digitais seja limitado e proporcional às idades das crianças. Essas orientações são semelhantes às propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019). De acordo com a OMS (2019), bebês de até dois anos de idade não devem ser expostos às mídias digitais e crianças entre dois e quatro anos de idade poderiam assistir às telas, no máximo, uma hora por dia. Já a declaração da AAP (2016) sugere evitar o uso de mídias por bebês de até 18 meses (com exceção de chamadas de vídeo), porém flexibilizam a orientação aos pais de bebês de 18 a 24 meses que queiram inserir o uso de mídias digitais na rotina dos seus filhos. O órgão recomenda a escolha de aplicativos de qualidade e o uso mediado pelos pais, evitando que os bebês usem as mídias sozinhos (AAP, 2016).

Entretanto, as recomendações apresentam, como embasamento, justificativas gerais em relação aos processos de desenvolvimento das crianças e adolescentes, bem como estudos que indicam os possíveis riscos do uso de mídias digitais na infância e adolescência. As diretrizes, todavia, não exploram os possíveis benefícios e diferentes formas de uso saudável das mídias digitais pelas famílias, bem como não se atentam às particularidades deste uso até os dois anos, período em que o uso não é recomendado (SBP, 2020).

Inclusive, estas orientações das sociedades de pediatria não estão sendo seguidas (Brown & Smolenaers, 2018), o que pode estar relacionado ao fato de que as recomendações são decididas sem considerar as necessidades das famílias, dificultando sua implementação (Brown & Smolenaers, 2018; Straker et al., 2018). A literatura aponta que já nos primeiros dois anos de vida o uso de mídias digitais aumenta com a idade dos bebês (Azevedo et al., 2022; Goh et al., 2016). O estudo de Goh et al. (2016), por exemplo, identificou que até os seis meses de idade, 29% dos bebês já eram expostos a mídias

digitais diariamente. No entanto, entre 18 e 24 meses de idade, as atividades diárias envolvendo mídias digitais faziam parte da rotina de 88,2% dos bebês, de acordo com o relato dos pais (Goh et al., 2016). O estudo brasileiro de Azevedo et al. (2022), realizado com 435 crianças de até 36 meses de idade, também mostrou um aumento expressivo no uso de mídias digitais: de 17% para bebês de 0 a 12 meses, para 40% para crianças de 13 a 36 meses.

Já um estudo qualitativo norte-americano, realizado a partir de entrevistas semiestruturadas com 26 pais e mães latinos de bebês de até 2 anos de idade que se autodeclararam latinos, destacou que apenas 4 dos pais entrevistados declararam que crianças menores de 2 anos de idade não deveriam assistir à televisão. Entretanto, apenas um dos pais disse que seu bebê não assistia à televisão. Ou seja, ainda que alguns pais entendam que seus filhos não deveriam fazer uso dessas mídias por determinados motivos, eles oferecem-nas aos bebês (Beck et al., 2015).

Nesse sentido, percebe-se a importância de compreender o que faz com que pais e mães optem por oferecer ou não as mídias digitais aos seus bebês. Ao longo das últimas décadas, o processo de tornar-se mãe se modificou, tanto devido às novas funções e papéis exercidos pela mulher, quanto pelas novas expectativas quanto à dinâmica familiar. Além disso, o ritmo de vida se tornou mais acelerado, exigindo adaptações no estilo de vida familiar. As relações e o ambiente de trabalho são mais fluidos e isso é decorrente, em grande parte, da nova perspectiva de tempo que as mídias digitais e as redes sociais possibilitaram. Assim, quando ocorre a chegada de um bebê nesse contexto, os pais também precisam se adaptar a novas demandas trazidas pela criança, além de uma nova perspectiva de tempo: o do bebê (Ferrari & Ribeiro, 2020). Assim, na realidade em que vivemos, da era tecnológica, ainda que existam pensamentos críticos quanto à inserção das mídias digitais na vida dos bebês, as mães podem encontrar nesses recursos multifuncionais uma ferramenta para, mais uma vez, acomodar e gerenciar as exigências objetivas e subjetivas da maternidade e dos demais papéis exercidos por elas, incluindo desde momentos de lazer até mesmo o trabalho, que passou a ser realizado no mesmo ambiente de convivência familiar de muitas pessoas durante o período de isolamento causado pela pandemia da Covid-19 (Vescovi et al., 2021).

O estudo de Kabali et al. (2015) investigou, dentre outros aspectos, as circunstâncias em que os cuidadores da criança deixavam seus filhos usarem um dispositivo de mídia móvel. A maioria permitia que seus filhos brincassem com dispositivos móveis para fazer suas próprias tarefas (70%) e para manter a criança calma em locais públicos (65%). Já o estudo de Guedes et al. (2020), realizado com 244 pais ou responsáveis de crianças entre 24 e 47 meses, matriculadas em creches de um município brasileiro, identificou que os motivos apontados por pais e mães para oferecer as mídias aos filhos foram para distrair a criança em público (15,3%), para distraí-la em casa (50,9%) e para estimular seu desenvolvimento (59,5%).

Resultados semelhantes foram encontrados em estudos brasileiros (Mallmann & Frizzo, 2019; Pedrotti et al., 2021). Inclusive, um estudo brasileiro que comparou dois grupos de mães de crianças menores de três anos para entender o uso de mídias por mães e bebês antes e durante a pandemia da Covid-19 identificou que a necessidade que as mães sentiam de oferecer mídias digitais aos seus bebês contribuiu para a explicação do tempo de uso de mídias pelas crianças. Além disso, os sintomas mais elevados de transtornos mentais comuns das mães também foram positivamente correlacionados ao relato de necessidade das mães de oferecer mídias aos filhos antes e durante a pandemia (Pedrotti et al., 2021).

O estudo brasileiro longitudinal realizado com 22 mães de crianças menores de 5 anos antes e durante a pandemia da Covid-19 indicou que os fundamentos que norteiam o uso das mídias digitais por crianças vão desde o tipo de orientação recebida por profissionais da saúde, à observação da criança quando usa as mídias e à busca por alternativas ao uso, assim como vivências de sua própria infância (Marques & Frizzo, 2024). Até o momento, entretanto, não foram identificados estudos que tenham explorado as motivações para não oferecer esses recursos aos filhos.

Considerando-se a existência de uma parcela de mães que optam por não oferecer mídias digitais aos seus bebês, deve-se compreender as suas motivações. Tendo isso em vista que entende-se que é essencial identificar se as mães estão recebendo orientações de profissionais sobre o uso de mídias digitais pelos bebês ou se buscam esse conhecimento por outras vias. No presente estudo, optou-se por, inicialmente, entrevistar as mães por ainda serem as principais cuidadoras que levam as crianças em consultas com profissionais da saúde (Daly & Gores, 2017). Portanto, este estudo objetiva investigar as motivações de mães de bebês de até dois anos de idade para não oferecer mídias digitais nos momentos de cuidado, interação e entretenimento de seus bebês, bem como explorar a influência das orientações recebidas de profissionais sobre o uso de mídias digitais por bebês.

## Método

### Delineamento

O presente estudo consiste em um estudo de caso coletivo, cujo objetivo é estudar as características de uma população (Gil, 2002), com ênfase no fenômeno em contexto, o que é indicado em situações em que a fronteira entre o fenômeno e seu contexto não é clara (Robson & McCartan, 2016). Utilizou-se um delineamento flexível (Robson & McCartan, 2016) que se propõe a compreender o fenômeno a partir da definição do problema de pesquisa, sem partir de relações causais ou de associação entre variáveis.

## Procedimentos

As mães que aceitaram participar do estudo através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram convidadas a preencher uma Ficha de Contato Inicial e um Questionário de Dados Sociodemográficos, bem como a responder à Entrevista sobre Interação Familiar Sem Uso de Tecnologias. As coletas de dados ocorreram no ano de 2018 na casa das participantes ou em seu local de trabalho de modo presencial ou por chamada de vídeo em um único encontro. Os instrumentos foram aplicados na ordem descrita e as entrevistas tiveram entre 27 e 69 minutos de duração ( $M = 38$  minutos e 30 segundos), foram gravadas em áudio e transcritas para análise.

## Participantes

Participaram deste estudo 8 mães de bebês que tinham entre 3 meses e 1 ano e 11 meses no momento da coleta de dados (Tabela 1). Todas trabalhavam, sendo a maioria delas autônomas. Duas mães estavam em licença maternidade no momento da entrevista, então cuidavam de seus bebês em tempo integral, com a participação do pai. Uma das mães contava com uma cuidadora para seu bebê durante o horário de trabalho e outra mãe contava com a ajuda de sua própria mãe para cuidar de seu bebê enquanto trabalhava. Além disso, uma das mães levava seu bebê a um local de cuidados e recreação três turnos por semana e contava com a ajuda de duas familiares nos cuidados dele em momentos em que precisava. Por fim, três bebês frequentavam creches. Destes, apenas uma das mães não contava com ajuda de outros familiares, além do pai do bebê, para cuidar dele nos momentos em que não estava na creche.

Tabela 1

Dados sociodemográficos

Participante	Idade bebê (meses)	Idade mãe (anos)	Renda familiar (salários-mínimos)	Escola-ridade	Estado Civil	Cidade	Outro filho
P1	23	30	3 a 6	Pós-graduação	União estável	Porto Alegre	3 anos
P2	3	34	6 a 9	Ensino superior	Casada	Interior do RS	Não
P3	11	29	6 a 9	Ensino superior	União estável	Interior do RS	Não
P4	9	32	3 a 6	Pós-graduação	União estável	Porto Alegre	Não
P5	16	40	> 15	Pós-graduação	Casada	Porto Alegre	5 anos
P6	16	29	3 a 6	Ensino superior	Solteira	Porto Alegre	Não
P7	3	38	9 a 12	Pós-graduação	Casada	Porto Alegre	3 anos
P8	13	30	3 a 6	Pós-graduação	União estável	Porto Alegre	Não

O critério de inclusão para participar do presente estudo era de que as mães relatassem que não utilizavam mídias digitais (TV, *tablets* e *smartphones*) com seus bebês em seus momentos de interação, cuidado ou entretenimento. Os critérios de exclusão para a amostra eram mães menores de 18 anos de idade e mães cujos bebês apresentassem síndromes ou malformações diagnosticadas previamente. A escolha da faixa etária dos bebês, de até dois anos de idade, baseou-se na orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2020), de que seja evitado o oferecimento de mídias digitais para bebês nesta faixa etária. Já a escolha por entrevistar apenas essas mães ocorreu como um modo de compreender o fenômeno de forma inicial, tendo em vista que não foram encontrados outros estudos sobre esta temática, além da literatura indicar predominância de mães que levam as crianças em consultas com profissionais da saúde (Daly & Gores, 2017).

Este estudo é um recorte específico de um estudo longitudinal sobre o uso de mídias digitais por bebês, intitulado “Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multimétodos para o desenvolvimento infantil”, que objetiva investigar como as mídias digitais têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até três anos e qual a influência do uso dessas mídias para o desenvolvimento dos bebês. O número de participantes foi definido através de fechamento amostral por saturação teórica (Gil, 2002), que ocorre quando os dados obtidos passam a ser redundantes na visão do pesquisador, não mais contribuindo significativamente ao entendimento do fenômeno (Fontanella et al., 2008; Gil, 2002). A amostra foi constituída através da amostragem tipo “bola de neve” (Vinuto, 2014). Esse tipo de amostragem é considerado útil em pesquisas em que não é possível utilizar-se de amostras probabilísticas, por não ser possível precisar a quantidade da população, ou quando se tem difícil acesso às populações estudadas (Vinuto, 2014).

## Instrumentos

Ficha de Contato Inicial: Utilizado para obtenção de dados sociodemográficos gerais sobre o bebê, confirmação de não uso de mídias digitais pela criança e para adquirir informações de contato da família.

Questionário de Dados Sociodemográficos: Este instrumento foi utilizado para fins de levantamento sobre dados sociodemográficos das participantes e de suas famílias como a idade, escolaridade, condições de moradia, renda, entre outros.

Entrevista sobre Interação Familiar Sem Uso de Tecnologias: Entrevista semiestruturada, que visa explorar o uso que as famílias de crianças pequenas têm feito das mídias digitais, qual uso os adultos fazem, o que eles pensam sobre as mídias, quais são as motivações que levaram os pais a evitar o contato de seu bebê com as tecnologias, o que as famílias fazem para distrair seu filho quando precisam realizar alguma tarefa, como são os momentos de interação e entretenimento da criança e quais as vantagens e desvantagens em não usar mídias digitais com crianças pequenas.

### **Análise de dados**

Os dados coletados foram examinados por meio da análise temática proposta por Braun et al., (2019), com o auxílio do *software* NVivo 11 para organização e classificação dos temas. A análise temática é um método utilizado para identificar, analisar e definir temas (conjunto de dados agrupados) a partir dos dados. Com esta técnica, é possível organizar e descrever detalhadamente o conjunto de dados, permitindo sua interpretação (Braun et al., 2019). Por fim, os dados foram analisados à luz da literatura, a fim de possibilitar uma maior compreensão dos resultados obtidos, que foram ilustrados a partir de vinhetas de falas das participantes do estudo.

### **Considerações Éticas**

Este projeto seguiu os princípios éticos da pesquisa com relação à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes, como apontado pela resolução 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto maior do qual este estudo faz parte foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (CAEE nº 69947117.6.0000.5334).

## **Resultados**

A partir da análise temática (Braun et al., 2019), foram identificados dois temas principais: *Motivações para evitar o uso de mídias digitais e orientações recebidas de profissionais quanto ao uso de mídias digitais*. O primeiro tema apresentou quatro subtemas: crenças maternas; busca por conhecimento científico e; vantagens em não usar mídias digitais e desvantagens em usar mídias digitais. O segundo tema constituiu-se em três subtemas: receberam orientações, pois perguntaram; receberam orientações sem precisar perguntar e; não receberam orientações. Esses serão detalhados e exemplificados por vinhetas<sup>1</sup> das falas das mães a seguir, a fim de possibilitar melhor compreensão dos dados apreendidos.

### **Motivações para evitar o uso de mídias digitais**

O primeiro tema diz respeito às motivações das mães para evitar oferecer mídias digitais aos seus bebês nos momentos de cuidado e interação entre eles. Dentro deste grande tema, observaram-se quatro subtemas. O primeiro subtema, “crenças maternas”, diz respeito às crenças das mães em relação à importância da infância, à sua percepção quanto às prioridades da maternidade, ao seu entendimento quanto à qualidade das interações iniciais, bem como sua percepção em relação aos bebês e crianças que fazem uso dessas mídias.

Todas as participantes, exceto uma, afirmaram que a escolha de não oferecer mídias digitais para os bebês foi um consenso entre mãe e pai. Todavia, a mãe que afirmou que o pai de seu bebê seria contrário à escolha também relatou que, após conversarem sobre o assunto, o pai acabou cedendo e concordando em não oferecer mídias digitais ao bebê. No entanto, em relação às combinações com outros cuidadores, duas mães sentiram necessidade de conversar com os outros cuidadores e familiares sobre não oferecer mídias digitais aos seus filhos, eventualmente enfrentando impasses quanto ao uso de televisão, como relatado por uma participante:

A minha mãe eu tô tentando convencer ela, porque, por exemplo, ela tá com ele, e ela vai botar no desenho pra ele, sabe. Por exemplo, ela gosta de fazer ele dormir olhando TV. Eu já falei pra ela várias vezes que não, que não precisa, mas ela bota a TV, assim. Ela não respeita. (Participante 8)

Em contrapartida, duas mães não acharam necessário fazer combinações com os outros cuidadores a respeito disso. Uma das participantes, por exemplo, ressaltou o fato de que considera que seus familiares estão lhe ajudando no cuidado de seu filho e que por isso não impôs condições nesse sentido:

<sup>1</sup> As falas das participantes foram transcritas e descritas no decorrer do texto em sua forma literal.



Na verdade, eu não falei sobre isso. Deixei livre, porque elas tão me ajudando. Eu vejo dessa forma, elas já tão me dando uma mão, porque se não fosse elas não teria como trabalhar, não sei como seria, na verdade, se eu não tivesse o apoio delas. Então, em momento nenhum eu cheguei e falei, proibi, né, elas de fazer esse uso. (Participante 4)

Ainda, uma das mães que contava com a ajuda de outros familiares para cuidar de seu bebê relatou que não houve impasses em relação à combinação de não oferecer mídias digitais à sua filha. Além disso, a maioria das mães referiu que observava que as crianças ficavam “hipnotizadas” ou “alienadas” ao usar mídias digitais, de maneira geral. Assim, deixavam de prestar atenção no que estava ao seu redor e então não exploravam outros sentidos:

No primeiro [filho] a gente não fez uso, tipo até os dois anos (...). E outra que eu notei, quando a gente tentou, assim, sei lá, tinha... acho que ele tinha a mesma idade dela – três ou quatro meses – ele fica hipnotizado com televisão, ele não faz mais nada. Eu acho que ela acaba não explorando o potencial criativo dela também. Ia ficar ali, tipo parece que meio abobada, assim, sabe. (Participante 7)

Além disso, todas as mães associaram em seu discurso, de alguma forma, o uso de mídias digitais por bebês a uma necessidade dos pais/adultos e não das crianças. Essa percepção surgiu tanto relacionada à opinião das mães, quanto ao que elas referiram que escutavam da opinião de outras pessoas sobre a escolha delas de não oferecer mídias digitais aos seus bebês:

Até então, o que as pessoas dizem pra mim é isso: que a grande maioria das pessoas, usa isso, né, usa essas tecnologias para acalmar a criança. Provavelmente o que mais hipnotiza a criança, o que mais rápido tu vai conseguir acalmar o teu filho, seria através dessas tecnologias, né. (Participante 2)

Inclusive, isto surgiu também quanto à percepção de uma mãe quanto à sua própria necessidade, associada ao temperamento de seu bebê:

Eu acho que [não ofereço mídias digitais ao meu bebê] porque eu nunca precisei. Ele sempre foi um bebê muito tranquilo. Ele, recém-nascido, ele dormia três horas, mamava, dormia de novo, né, então ele sempre foi um bebê que nunca precisou. As pessoas chegavam lá em casa e mostravam pra ele a galinha pintadinha e ele não se interessava, então eu nunca precisei mostrar. Acho que é por isso que eu nunca ofereci, né. (Participante 8)

Ainda, uma das mães ponderou, argumentando sua opinião positiva em relação ao uso de mídias digitais, mas em outros momentos do desenvolvimento, entendendo que no momento em que sua filha estava, não havia necessidade de oferecer esse artifício:

A utilização, acho até que tem muito benefício, no uso regrado desses dispositivos, mas simplesmente na nossa rotina, assim, não acaba havendo espaço, não havendo um porquê ela utilizar, né. E acho que até ela tão pequenininha, não acho que seja legal ela ficar usando. E eu também não ofereço, então eu prefiro que ela brinque com outras coisas. (Participante 5)

Opiniões semelhantes, em relação ao momento do desenvolvimento do bebê e a não agregar nada a ele nesse momento, foram observadas nos relatos de outras duas mães. Um aspecto que diretamente e indiretamente perpassou o discurso das mães em relação a esse recurso foi o esforço de estar presente na vida de seus filhos, priorizando momentos de interação, como foi possível perceber explicitamente nas falas de três mães. A exemplo disso, a participante 1 disse: “*Então, acho que essa questão da interação da família super importante. É tu te obrigar a tá ali presente com a criança. Então, acho que isso é uma coisa muito, muito, muito importante do não uso da tecnologia, um baita benefício*”. Nesse sentido, percebe-se que as participantes deste estudo entendiam que a primeira infância é um momento em que as interações pessoais são de suma importância para o desenvolvimento dos bebês, como foi visto na fala da participante 3:

(...) a gente vê que as crianças cada vez mais estão desde cedo, assim, enfiadas nesses aparelhos distrativos, a gente tomou como conclusão que não é benéfico, tão nova assim, usar isso pra distrair ela. Ela precisa do contato pessoal, né. A gente precisa ter o tempo de brincar, pra ela tirar esse tempo dessa convivência com a gente, porque senão ela vai acabar ficando alienadinha, assim, que nem as crianças que a gente já convive.

O segundo subtema se referiu à “busca por conhecimento científico” dessas mães para saber mais sobre as possíveis influências, riscos e benefícios das mídias digitais aos seus bebês através de matérias, pesquisas científicas e artigos científicos escritos ou produzidos por especialistas em desenvolvimento infantil: “*Eu sou bem curiosa e leio bastante sobre várias coisas relacionadas às crianças*” (Participante 1). Para as três mães que tiveram esse interesse, o conhecimento adquirido por elas nesta busca foi determinante para a escolha de não oferecer telas aos seus bebês naquele momento do desenvolvimento:

A gente costuma ler bastante coisa sobre educação e estímulos, principalmente desde que a gente resolveu começar a ter filhos. E a maior parte das pesquisas diz que não é recomendável mesmo que as crianças tenham esse contato muito precoce, né. (...) E o precoce seria antes dos dois anos, ele pode fazer mal pro desenvolvimento cognitivo da criança. (Participante 2)

A Participante 1 contou que sua prática era embasada pelas pesquisas que lia, assim como o fato de que pesquisas apresentarem resultados que corroborassem suas escolhas sustentava suas atitudes nesse sentido: “*Sempre foi uma coisa só pra trazer mais elementos: ‘ah, legal eles não tarem assistindo por isso...’, aí depois tu lê outro artigo que traz outros benefícios: ‘Ah olha aí...’*”. Da mesma forma, outra participante relatou que compartilhava com a família conhecimentos que adquiriu através de artigos e pesquisas:

Eu, como eu leio pesquisas, se eu encontro alguma coisa interessante, eu divido com eles, tipo “olha esse texto aqui, que fala sobre os malefícios do uso da tecnologia”. Eu faço esse exercício, tanto com meu marido, quanto com eles, assim, de mostrar que não faz bem. (Participante 7)

O terceiro subtema versa sobre as “vantagens em não usar mídias digitais” para os bebês. Este subtema constituiu-se a partir do questionamento às participantes sobre suas opiniões quanto às vantagens e desvantagens do uso de mídias digitais para bebês. Entretanto, no relato das mães, surgiram principalmente as vantagens em não usar as mídias digitais e as desvantagens em usá-las. Um momento que pode representar um impasse para algumas famílias é o momento da alimentação em restaurantes. Uma das participantes, então, contou sua experiência:

Por exemplo, quando ele tinha uns 10 meses, foi o batizado dele, e a gente foi numa churrascaria depois, e ele ficou sentado olhando as pessoas, ele brincava com o saquinho dos talheres, e eu olhava pros lados e as crianças estavam todas olhando no celular pros pais poderem comer, e eu comi bem tranquila com ele olhando o entorno, né. Eu acho que a vantagem é essa, que daí quando tu sai com a criança, tu não precisa oferecer a tecnologia, a criança vai conseguir interagir, vai conseguir tá perto das outras pessoas sem precisar estar naquele mundo da tecnologia, acho que isso é muito benéfico, até pra vida social dele depois. (Participante 8)

Outra participante relacionou a vantagem em não usar mídias digitais com as relações interpessoais da infância e o desenvolvimento da criatividade:

Com outras brincadeiras, elas desenvolverem essa criatividade, e a própria autoconfiança. Essas brincadeiras que são criadas por nós e que têm a interação com os pais, com outras crianças, ou que são brincadeiras que elas mesmas vão criar para elas, elas têm muito mais estímulos, as crianças vão ter muito mais desenvolvimento positivo do que um brinquedo, uma tecnologia dessas que a gente dá pronta pra ela, né. (Participante 2)

Em contrapartida, foi feito um contraponto à interação com outras crianças citando-se a capacidade de brincar, de ficar sozinho e de manter o foco em determinada atividade:

De a criança saber estar sozinha, porque, hoje em dia, parece que as pessoas não conseguem tá sozinha, elas sempre têm que tá compartilhando com alguém alguma coisa que elas tão fazendo, mostrando... Eu acho que é super importante tu conseguir sentar sozinho e fazer alguma coisa e te concentrar naquilo que tu tá fazendo, acho que essa é outra vantagem que o não uso de tecnologia te traz, né. Consegue focar mais no que tu tá fazendo. (Participante 1)

O quarto e último subtema deste primeiro tema se refere às “desvantagens em usar mídias digitais”, que aborda a opinião das mães em relação aos aspectos negativos do uso de mídias pelos bebês. Sobre isso, a Participante 5 relacionou o uso excessivo de mídias digitais pelos bebês à redução da interação com outras pessoas: “*Também fica muito alheia ao relacionamento interpessoal, direto com outras pessoas, mas isso quando o uso é excessivo*”. De maneira semelhante, uma mãe associou o uso de mídias digitais no ambiente familiar à redução de contato entre os membros da família:

Acho que é uma coisa que afasta os pais dos filhos, porque, às vezes, tá todo mundo junto, mas não tá ninguém junto, porque tá cada um mexendo no seu *tablet*, no seu celular ou assistindo televisão. E aí, é aquela coisa assim, na hora do almoço tu tá almoçando com uma TV ligada, ao invés de vocês conversarem, de falar sobre alguma coisa, tá todo mundo ali envolvido naquela tela, né. (Participante 1)

Além disso, novamente surgiram preocupações das mães sobre o desenvolvimento da criatividade dos bebês e o excesso de estímulos que as mídias digitais oferecem: “*De novo, né, pro bebê e pra criança, eu não vejo vantagem nenhuma, assim. É aquele monte de cor e além de ter um monte de cor, não explora o potencial criativo deles*” (Participante 7). Da mesma forma, a Participante 3 questionou o potencial limitado dessas mídias de desenvolver o brincar simbólico:

Eu acho que a questão da criatividade, do inventar brincadeiras, do criar coisas pra se ocupar, de entender que aquela caixinha ali é só aquela caixinha ali, e tá tudo certo, mas que tem por exemplo, uma caixinha de papelão que pode virar tantas outras brincadeiras. Mas enfim, outras coisas, né. Toda a criatividade fica limitada também.

No que se refere aos estímulos que as mídias digitais oferecem, uma mãe questionou o recurso: “*(...) O que eu acho é que é muito fácil a tecnologia, né. Não faz eles se desenvolverem, eles recebem uma informação muito pronta. Então eles*

*não têm um desenvolvimento muito adequado*” (Participante 4). Ademais, uma mãe supôs influências negativas das mídias digitais na saúde física dos bebês: *“Eu acho que, eu não sou nem médica, nem oftalmo, mas eu acho que o uso excessivo prejudica, né, a visão, sei lá”* (Participante 5).

### **Orientações recebidas de profissionais quanto ao uso de mídias digitais**

O segundo tema diz respeito às orientações que as mães receberam, ou não, de profissionais, da saúde ou da educação, em relação ao uso de mídias digitais pelos bebês. Dentro deste grande tema, observaram-se três subtemas. O primeiro subtema diz respeito aos relatos das mães que “receberam orientações, pois perguntaram”. Nele, são abordadas as orientações recebidas através dos questionamentos aos profissionais. Neste estudo, entretanto, apenas uma das participantes relatou ter perguntado sobre o assunto à sua profissional de saúde de referência naquele momento, que era a pediatra:

Eu conversei com a minha pediatra sobre isso do não uso, né. Ela não me orientou a usar. Ela me sugeriu que, o quanto eu consiga segurar, que é bom. Essa foi a minha orientação. (...) Ah, acho que a gente que trouxe essa questão de perguntar a opinião dela, assim. (...) Ela trouxe bem todas essas questões da criatividade, da questão também de atenção das crianças, da questão de interação, que é muito mais interessante pra eles estarem brincando e a gente ter os nossos momentos de interação... não que a gente tenha de ficar o dia inteiro sentado no chão brincando com os nossos filhos, né, porque, enfim. (Participante 1)

O segundo subtema se refere aos relatos das mães que “receberam orientações sem precisar perguntar”. Nele, são apresentadas as orientações que foram dadas pelos profissionais, independente de questionamentos das mães a respeito de como proceder quanto ao uso de mídias digitais pelos bebês. Apenas duas mães relataram ter recebido alguma orientação de profissionais, mesmo que não tenham perguntado a eles sobre. Uma delas, então, relatou que o pediatra de seu bebê não perguntou especificamente sobre o uso que ela e seu bebê faziam das mídias digitais, mas lhe abordou uma perspectiva que julgou interessante:

Ele disse que é um mundo completamente novo pra ele, então tudo é novidade. Não há necessidade de ele ter um estímulo muito grande de celular e tudo, porque tudo é novo pra ele. Então ele tem que explorar o ambiente. Então, ele nunca me disse “não usa”. Mas ele disse que não era necessário, né. (...) Nunca me perguntou, inclusive, se eu uso, se eu [ofereço]. (Participante 8)

Já a segunda mãe apresentou uma experiência diferente, tendo recebido orientações mais diretas e permeadas por estudos científicos realizados sobre a temática, o que embasou fortemente sua escolha de não oferecer mídias digitais à sua filha:

O pediatra que a gente escolheu também segue essa linha, e ele disse pra nós que ele também é contra, até os dois anos de idade, ele é absolutamente contra o uso de qualquer tecnologia, né. Depois, ele acha que com supervisão é possível introduzir. (...) O pediatra nos acrescentou que além de todos os malefícios pro desenvolvimento saudável da criança, as telas de televisão modernas, e de celular e *tablet*, elas emitem sons e cores que prejudicam o desenvolvimento no cérebro das crianças, né. Então, isso eu acho que é um dado importantíssimo. Até os dois anos de idade, ele disse que de forma nenhuma o cérebro da criança tá preparado pra receber a quantidade de informações que aquela tela passa. Os neurônios não tão ainda maduros o suficiente, então isso é um primeiro ponto, né. Por que eu vou oferecer uma coisa pra minha filha que tá prejudicando o desenvolvimento dela? Isso em primeiro lugar. (Participante 6)

O terceiro subtema visa explorar o relato das mães que “não receberam orientações” de profissionais a respeito desta prática. Nesse caso, cinco mães relataram não terem recebido orientações de profissionais quanto a como proceder em relação ao uso de mídias digitais pelos bebês. Destas, uma disse que conversou com outras pessoas sobre o assunto, como uma troca de experiências:

A minha obstetra falou sobre isso alguma vez, sobre a filha dela não ter esse contato até os dois anos, né. E eu participo de grupos de puerpério e a gente conversa bastante sobre, troca bastante experiências, né, de filhos que têm e que não têm contato. (...) Oficialmente, assim, nenhum profissional nos orientou a não entrar em contato com tecnologia, mesmo. (Participante 2)

### **Discussão**

As associações de pediatria contraindicam o uso de mídias digitais por crianças menores de dois anos (AAP, 2016; SBP, 2020), o que vai ao encontro das participantes deste estudo e que relataram não oferecer mídias digitais para seus bebês em sua rotina. Entretanto, elas destacaram os eventuais impasses que enfrentaram ao fazer combinações com as pessoas que se responsabilizavam pelo cuidado de seus bebês na sua ausência, corroborando os achados de Beck et al. (2015), que constataram que algumas mães e pais encontravam desafios de logística em seguir tais orientações quando seus bebês estavam sob os cuidados de outra pessoa.



O fato de mães e pais terem valores semelhantes em relação ao desenvolvimento dos filhos, como apareceu no presente estudo, é um fator que se mostrou importante na literatura no que se refere a estabelecer limites quanto ao uso de mídias digitais pelos bebês (Brown & Smolenaers, 2018). De modo geral, as participantes deste estudo relataram um consenso entre o casal parental quanto à oferta de mídias digitais aos filhos. Entretanto, nem sempre pais e mães conseguem entrar em acordo (Bentley et al., 2016), como relatado por uma participante. Destaca-se, portanto, a importância da coparentalidade também nessa escolha para alinhar as expectativas dos pais, definir regras para as crianças e parâmetros para os demais cuidadores quanto ao uso de mídias digitais pelos bebês (Rosa et al., 2020).

Muitos pais e mães passam a maior parte do dia envolvidos com o trabalho, de forma que os filhos ficam sob o cuidado de outras pessoas. No entanto, no momento em que estão juntos, comumente no final do dia, mães e pais estão cansados e buscam um refúgio nas mídias digitais, tanto para que eles possam relaxar de suas preocupações (Azevedo et al., 2022; Pedrotti et al., 2021; Radesky et al., 2016) quanto para que os filhos não demandem tanta atenção deles e, eventualmente, possam cumprir outras tarefas. As mães entrevistadas se posicionaram contra oferecer mídias digitais aos bebês para distraí-los, na tentativa de que pudessem realizar outras atividades. Estas pareceram priorizar as necessidades de seus bebês em um primeiro momento, deixando para cumprir outras tarefas quando possível. Um fator que pode estar associado a essa escolha é o tipo de trabalho desenvolvido pelas mães. Por muitas delas terem trabalhos que oferecem maior flexibilidade de horários, priorizar as demandas dos bebês se tornou mais viável, o que talvez não reflita a realidade de muitas famílias. Assim, as mães optavam por buscar alternativas para distrair ou acalmar seus filhos, que não envolvessem o uso de mídias digitais.

Ainda, a maioria das mães expressou preocupações referentes à alienação das crianças em relação ao ambiente durante o uso de mídias digitais. De forma semelhante, o estudo realizado por Bentley et al. (2016) com mães de crianças que tinham entre dois e quatro anos de idade apontou que as participantes do estudo compreendiam o uso de dispositivos móveis como uma atividade solitária e que influenciaria negativamente no desenvolvimento da sociabilidade das crianças, ainda que compreendessem que, atualmente, os dispositivos móveis sejam uma parte da vida necessária e inevitável, de forma que permitiriam que seus filhos utilizassem regularmente, com alguma relutância.

Entende-se que, para as mães participantes deste estudo, observar outras crianças fazendo uso desses dispositivos influenciou, de alguma forma, sua compreensão acerca dos efeitos do uso para o comportamento de bebês e crianças. Assim, esse teria sido um fator considerado em sua escolha de não oferecer mídias digitais aos seus bebês. De forma semelhante, Brown e Smolenaers (2018) destacaram que presenciar ou ouvir sobre efeitos negativos do tempo excessivo de uso de mídias digitais por outras crianças foi um fator que influenciou na visão que pais e mães têm sobre isso e na prática parental dos participantes de seu estudo. Ter contato com familiares que estavam nesse contexto servia como referência para eles do que fazer e do que não fazer, assim como também relatado neste estudo.

Outro dado observado no presente estudo é que, mesmo que algumas mães achassem que as mídias digitais fossem um recurso que pode ser positivo, neste momento do desenvolvimento de seus bebês, elas afirmaram preferir que eles brincassem com outras coisas, bem como priorizavam a interação e convivência familiar. A literatura aponta, inclusive, que as mídias digitais tendem a influenciar negativamente a interação mãe-bebê, tanto para o uso feito pelos bebês quanto feito pelas mães (Almeida & Frizzo, 2021). Nesse sentido, o estudo de McCloskey et al. (2018) aponta que, para alguns pais, seus filhos não usavam mídias digitais com maior frequência, pois entendiam que havia melhores formas de seus filhos brincarem, bem como preferiam que os filhos não ficassem mais tempo fazendo uso desses dispositivos. Inclusive, outro fator que remete aos resultados desse estudo é que pais com maiores níveis de escolaridade tinham maior tendência a fornecer esse tipo de respostas (McCloskey et al., 2018), característica semelhante à amostra de participantes deste estudo, cujo nível de escolaridade corresponde ao ensino superior ou pós-graduação.

O fato de que as mães tinham conhecimento de estudos que foram realizados sobre as possíveis influências do uso de dispositivos móveis e de televisão para o desenvolvimento infantil mostrou-se relevante para a escolha delas em não oferecer esses recursos aos seus bebês. Pode-se relacionar, ainda, a busca por esse tipo de informações, bem como o interesse por conhecimento científico, ao elevado nível de escolaridade das participantes. Entretanto, a literatura apresenta dados contrastantes quanto à relação entre a escolaridade dos pais e o uso de dispositivos móveis e televisão pelos bebês e crianças. De acordo com McCloskey et al. (2018), as crenças sobre o uso de mídias digitais e as razões para seu uso foram diferentes de acordo com a etnia e o nível de escolaridade dos pais, embora não houvesse diferenças significativas em relação ao nível socioeconômico da família. Por outro lado, o estudo de Nobre et al. (2019) identificou associação positiva entre nível socioeconômico e o tempo de exposição às mídias digitais de crianças entre dois e cinco anos de idade, mas não encontrou associação estatisticamente significativa entre o tempo de exposição das crianças às mídias digitais e a escolaridade dos pais. De forma semelhante, outros autores (Goh et al., 2016; Lampard et al., 2013) não observaram associações significativas entre a escolaridade dos pais e o uso de mídias digitais pelos filhos.

Um aspecto interessante dos dados obtidos foi que, ao serem questionadas sobre as vantagens e desvantagens do uso de mídias digitais pelos bebês, a maioria das mães citou vantagens de não usar mídias digitais e desvantagens em usar mídias digitais, de forma que ambas remetessem às justificativas de sua escolha por não oferecer mídias digitais aos seus filhos. Estima-se que as vantagens de que os bebês não usem dispositivos móveis ou televisão até os dois anos de idade sejam

pouco exploradas na literatura. As orientações são apenas no sentido de que os bebês não sejam expostos a isso tão cedo. Observa-se, inclusive, que o foco das publicações está voltado às desvantagens e aos riscos que esses aparelhos oferecem ao desenvolvimento infantil (Cheung et al., 2017; Radesky & Christakis, 2016; Radesky et al., 2014).

As principais vantagens de que os bebês não façam uso de dispositivos móveis e televisão, na opinião das mães, estavam relacionadas ao desenvolvimento da criatividade, à capacidade de concentração e ao foco em atividades, à interação e à participação dos bebês em momentos de convivência familiar. Assim como identificado no estudo de Hinkley et al. (2017), as preocupações que motivam as mães a não oferecer esses dispositivos aos seus bebês estavam intrinsecamente relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, ao bem-estar social dos filhos e à redução da interação familiar nesse contexto (Radesky et al., 2016). Esse resultado vai contra os dados apresentados por diversos estudos, que apontam como principal vantagem, vista pelos pais no uso de mídias digitais por bebês, o desenvolvimento cognitivo e intelectual atribuído ao caráter educativo dos dispositivos (Beck et al., 2015; Bentley et al., 2016; Brown & Smolenaers, 2018). A literatura sobre o assunto, portanto, é ainda bastante inconclusiva.

Essas diretrizes ainda carecem de parâmetros baseados em evidências científicas consolidadas para orientar as famílias sobre o uso da mídia. Não há um consenso quanto à relevância da conscientização dos pais sobre os impactos das mídias digitais no desenvolvimento dos bebês para a escolha dos pais em oferecer ou não mídias digitais aos seus filhos. Tanto há evidências de que a conscientização dos pais sobre essas recomendações está associada a um menor tempo de uso da mídia digital pelas crianças (Miguel-Berges et al., 2019), quanto de que as diretrizes das associações pediátricas não tiveram influência significativa sobre as decisões dos pais na permissão do uso de mídia digital por seus bebês (Golden et al., 2020). Em vista disso, surgem questionamentos sobre o realismo das metas em relação às orientações, se as recomendações estão tendo o impacto desejado e quais são os empecilhos que os pais encontram em seguir as orientações (Brown & Smolenaers, 2018). Observa-se que uma proporção muito pequena dos pais de crianças nessa faixa etária está ciente de que essas diretrizes existem (Beck et al., 2015; Brown & Smolenaers, 2018; Goh et al., 2016; Lampard et al., 2013). Neste estudo, mesmo em uma amostra de mães de bebês que não usam mídias digitais, menos da metade das participantes recebeu orientações sobre como proceder nesse sentido.

Muitas mães usam seu próprio senso crítico para decidir por quanto tempo seus filhos podem usar os dispositivos (Brown & Smolenaers, 2018). As orientações elaboradas para essa faixa etária (AAP, 2016; OMS, 2019; SBP, 2020) podem não ter o impacto desejado, uma vez que, embora os pais expressem que as recomendações os tenham deixado mais conscientes quanto ao assunto, suas ações e decisões não refletem essa mudança. O fato de que as orientações existentes tenham sido elaboradas de forma arbitrária e sem considerar as necessidades e particularidades do contexto das famílias com filhos pequenos, pode ser um fator importante para a sua inviabilidade (Straker et al., 2018).

Além disso, a falta de aderência das famílias às orientações das sociedades de pediatria (AAP, 2016; SBP, 2020) também pode estar relacionada ao contexto familiar (Brown & Smolenaers, 2018; Lampard et al., 2013). Brown e Smolenaers (2018) destacam o uso que os pais fazem das mídias digitais na presença dos bebês, expondo-os a elas, direta ou indiretamente, a permissão para que os filhos mais velhos utilizem mídias digitais, além do uso das mídias como uma ferramenta de apoio aos pais nos momentos de rotina. Já Lampard et al. (2013) identificaram em seu estudo que, além do tempo de uso de mídias digitais pelos pais, fatores como estresse parental, pressões da vida e falta de apoio social estavam significativamente associados à oferta de mídias digitais às crianças.

Uma ressalva deve ser feita: a proibição ou não do uso de mídias digitais na infância atualmente recai sobre as mães e demais cuidadores da criança de forma bastante individualizada. Não podemos desconsiderar que pode representar um peso excessivo para as famílias, especialmente as de baixa escolaridade, não representadas no presente estudo e que, infelizmente, têm menos acesso à literatura científica, por exemplo. Na verdade, seria necessária uma mudança sistêmica, cobrada das plataformas que produzem os aplicativos e conteúdos que desconsideram os direitos e especificidades do uso de mídias por crianças (Radesky & Hiniker, 2022). Além disso, faltam regulamentação e legislações governamentais a respeito do uso de mídias digitais na infância.

Por fim, pode-se pensar nas particularidades da amostra do presente estudo. Ainda que algumas mães tenham citado informações provenientes de aconselhamentos de profissionais da saúde quanto ao uso de mídias digitais pelos bebês, percebe-se uma influência importante do estilo de vida e das características pessoais das mães na escolha de evitar esse recurso com seus bebês. Isso reforça a ideia de que se deve pensar em sugestões e alternativas flexíveis para compreender as características e o contexto de cada família.

Isto posto, é importante ater-se às necessidades e demandas do bebê, conciliando com a disponibilidade dos pais em termos emocionais e práticos (Bentley et al., 2016; Brown & Smolenaers, 2018; Lampard et al., 2013; Mallmann, 2019), a fim de corresponder à realidade das exigências da vida pessoal e profissional dos pais com as da maternidade e paternidade (Ferrari & Ribeiro, 2020). Como reconhecido por McCloskey et al. (2018), uma vez que existem diversas notícias, matérias e estudos presentes na mídia e na literatura científica apontando para os malefícios do uso de mídias digitais por bebês e crianças pequenas, o viés de desejabilidade social pode influenciar as respostas de participantes de pesquisas sobre a temática.

Atualmente, existem diversos estudos que produziram evidências de algumas influências do uso de mídias digitais para o desenvolvimento de bebês e crianças. Em vista disso, Straker et al. (2018) sugerem que sejam elaboradas novas diretrizes com base em evidências, que busquem abarcar o entendimento tanto das necessidades dos bebês como de suas famílias. Assim, produzir-se-iam recomendações consistentes e justificadas acerca da melhor forma de utilizar esses recursos nas diferentes faixas etárias, a fim de explorar as potencialidades dos dispositivos e minimizar os riscos do seu uso (Straker et al., 2018). Ainda, compreende-se a necessidade de fornecer sugestões de diversas alternativas ao uso das mídias digitais para famílias de diferentes contextos como algo essencial para promover estratégias de mudança quando indicado.

### Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo investigar as motivações de mães de bebês de até dois anos de idade para não oferecer mídias digitais nos momentos de cuidado, interação e entretenimento de seus bebês, bem como explorar a influência das orientações recebidas de profissionais sobre o uso de mídias digitais por bebês. Entretanto, este estudo apresenta algumas limitações. Como uma maneira de compreender o fenômeno inicialmente, entrevistaram-se apenas as mães dos bebês, o que não permitiu a triangulação dos dados através de diferentes fontes, como os pais ou demais cuidadores, para a compreensão do fenômeno. Ainda, não foi realizada uma avaliação da saúde mental das mães, nem de sua história subjetiva, o que poderia contribuir para o entendimento da disponibilidade emocional das mães para ocupar-se de seus bebês e para atender às suas demandas. Além disso, a alta escolaridade das participantes deste estudo pode se configurar em um viés importante aos dados. Sugere-se que sejam realizados outros estudos que considerem esses fatores, possibilitando o entendimento do fenômeno de modo mais amplo e em amostras com diferentes características socioeconômicas.

Ressalta-se, portanto, que os dados obtidos nesta pesquisa oferecem um contraponto aos estudos que exploraram a opinião das mães cujos bebês são expostos às mídias digitais diariamente, indicando as perspectivas contrastantes quanto ao uso de mídias digitais. Entende-se, então, que não basta explorar apenas as possíveis influências do uso de mídias digitais pelos bebês em seu desenvolvimento, é preciso também ater-se à realidade daqueles que ainda prescindem desse recurso em seu cotidiano.

Os resultados deste estudo apontam que a escolha das mães por não oferecer mídias digitais aos bebês está relacionada ao entendimento delas de que, neste momento do desenvolvimento, as mídias digitais não são indicadas para eles e que outros recursos podem ser mais benéficos. Ainda que a maioria das mães não tenha recebido orientações de profissionais sobre o uso de mídias digitais por bebês, a busca pessoal por conhecimento científico sobre o assunto influenciou a escolha de algumas mães em não oferecer mídias digitais aos seus filhos. A partir do relato das participantes, percebeu-se a disponibilidade das mães em atender as demandas de seus bebês, de forma que priorizassem a interação com eles à realização de suas próprias tarefas, dentro de um contexto que permitia que esse arranjo fosse possível. Assim, características das famílias como a flexibilidade na rotina e o apoio social recebido são de suma importância para definir como será feita a escolha por inserir esse recurso na rotina dos bebês.

Considerando a importância da temática para o desenvolvimento infantil, é fundamental que profissionais abordem essa temática em atendimentos da atenção primária à saúde. Entende-se que não basta apenas orientar as famílias quanto aos possíveis prejuízos associados ao uso de telas pelos bebês. Através do acesso a orientações, incluindo alternativas ao uso de mídias e sobre como oferecer um ambiente saudável para o desenvolvimento infantil, ampliam-se os recursos necessários às mães no momento de optar por oferecer ou não as mídias digitais aos seus filhos.

### Referências

- Almeida, M. L., & Frizzo, G. B. (2021). Mídias digitais e qualidade da interação mãe-bebê: Revisão de literatura. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, 9(3), 1-10. <http://dx.doi.org/10.18316/sdh.v9i3.7513>
- American Academy of Pediatrics [AAP]. (2016). Media use in school-aged children and adolescents. *Pediatrics*, 138(5), 1-6. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2592>
- Azevedo, E. C., Riter, H.S., Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B. (2022). Digital Media use on interactions between mother and child: Differences in infants' early years. *Paidéia*, 32, 1-10. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3210>
- Beck, A. L., Takayama, J., Badiner, N., & Halpern-Felsher, B. (2015). Latino parents' beliefs about television viewing by infants and toddlers. *Journal of Health Care for the Poor and Underserved*, 26(2), 463-474. <https://doi.org/10.1353/hpu.2015.0037>
- Bentley, G. F., Turner, K. M., & Jago, R. (2016). Mothers' views of their preschool child's screen-viewing behaviour: A qualitative study. *BMC Public Health*, 16(718), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s12889-016-3440-z>

- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic analysis. In P. Liamputtong (Ed.), *Handbook of Research Methods in Health Social Sciences* (pp. 843-860). Springer.
- Brown, A., & Smolenaers, E. (2018). Parents' interpretations of screen time recommendations for children younger than 2 years. *Journal of Family Issues*, 39(2), 406–429. <https://doi.org/10.1177/0192513X16646595>
- Cheung, C. H. M., Bedford, R., Urabain, I. R. Saez De, Karmiloff-Smith, A., & Smith, T. J. (2017). Daily touchscreen use in infants and toddlers is associated with reduced sleep and delayed sleep onset. *Scientific Reports*, 7(46104). <https://doi.org/10.1038/srep46104>
- Daly, M., & Groes, F. (2017). Who takes the child to the doctor? Mom, pretty much all of the time. *Applied Economics Letters*, 24(17), 1267 - 1276. <https://doi.org/10.1080/13504851.2016.1270410>
- Dayanim, S., & Namy, L. L. (2015). Infants learn baby signs from video. *Child Development*, 86(3), 800–811. <https://doi.org/10.1111/cdev.12340>
- Ferrari, R., da S., & Ribeiro, M. F. R. (2020). Ser mãe, ser pai: Desafios na contemporaneidade. *Cadernos de Psicanálise*, 42(42), 225-242. <https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2020-cprj-cadernos-42-14.pdf>
- Fitzpatrick, C., Binet, M. A., Cristini, E., Almeida, M. L., Bégin, M., & Frizzo, G. B. (2023). Reducing harm and promoting positive media use strategies: New perspectives in understanding the impact of preschoolers media use on health and development. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 36(19), 1-14. <https://doi.org/10.1186/s41155-023-00262-2>
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008) Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a ed.). Atlas.
- Goh, S. N., Teh, L. H., Tay, W. R., Anantharaman, S., Van Dam, R. M., Tan, C. S., Chua, H. L., Wong, P. G., & Müller-Riemenschneider, F. (2016). Sociodemographic, home environment and parental influences on total and device-specific screen viewing in children aged 2 years and below: An observational study. *BMJ Open*, 6, 1-12. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2015-009113>
- Golden, S. L., Blake, J. W. C., & Giuliano, K. K. (2020). Parental decision-making: Infant engagement with smartphones. *Infant Behavior and Development*, 61, 1-7. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2020.101497>
- Guedes, S. C., Morais, R. L. S., Santos, L. R., Leite, H. R., Nobre, J. N. P., & Santos, J. N. (2020). A utilização de mídias interativas por crianças na primeira infância: Um estudo epidemiológico. *Revista Paulista de Pediatria*, 38, 1-7. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018165>
- Guellai, B., Somogyi, E., Esseily, R., & Chopin, A. (2022). Effects of screen exposure on young children's cognitive development: A review. *Frontiers in Psychology*, 13(923370), 1-12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.923370>
- Hinkley, T., Carson, V., Kalomakaefu, K., & Brown, H. (2017). What mums think matters: A mediating model of maternal perceptions of the impact of screen time on preschoolers' actual screen time. *Preventive Medicine Reports*, 6, 339–345. <https://doi.org/10.1016/j.pmedr.2017.04.015>
- Kabali, H. K., Irigoyen, M. M., Nunez-Davis, R., Budacki, J. G., Mohanty, S. H., Leister, K. P., & Bonner, R. L., Jr. (2015). Exposure and use of mobile media devices by young children. *Pediatrics*, 136(6), 1044-1050. <https://doi.org/10.1542/peds.2015-2151>
- Lampard, A. M., Jurkowski, J. M., & Davison, K. K. (2013). The family context of low-income parents who restrict child screen time. *Childhood Obesity*, 9(5), 386–392. <https://doi.org/10.1089/chi.2013.0043>
- Mallmann, M. Y., & Frizzo, G. B. (2019). O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: Um mal necessário? *Revista Cocar*, 7, 26-46. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2789>

- Marques, F. M., & Frizzo, G. B. (2024). Mídias digitais na primeira infância: Uma análise qualitativa e longitudinal dos fundamentos das práticas maternas. *Psicologia Argumento*, 42(116), 99-130. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.AO05>
- McCloskey, M., Johnson, S. L., Benz, C., Thompson, D. A., Chamberlin, B., Clark, L., & Bellows, L. L. (2018). Parent perceptions of mobile device use among preschool-aged children in rural head start centers. *Journal of Nutrition Education and Behavior*, 50(1), 83-89. <https://doi.org/10.1016/j.jneb.2017.03.006>
- Miguel-Berges, M. L., Santaliestra-Pasias, A. M., Mouratidou, T., Flores-Barrantes, P., Androutsos, O., De Craemer, M., Galcheva, S. & Moreno, L. A. (2019). Parental perceptions, attitudes and knowledge on European preschool children's total screen time: The ToyBoxstudy. *European Journal of Public Health*, 30(1), 105–111. <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckz151>
- Maia Neto, R. F., & Gonçalves, D. D. (2019). Efeitos da exposição a dispositivos digitais no desenvolvimento da linguagem em idade pré-escolar. *Gazeta Médica*, 6(3), 154-162. <https://www.gazetamedica.com/index.php/gazeta/article/view/249>
- Nobre, J. N. P., Santos, J. N., Santos, L. R., Guedes, S. C., Pereira, L., Costa, J. M., & Morais, R. L. S. (2019). Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(3), 1-10. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2019). *Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age*. Institutional Repository for Information Sharing. <http://www.who.int/iris/handle/10665/311664>
- Pedrotti, B. G., Mallmann, M. Y., Almeida, C. R. S., Marques, F. M., Vescovi, G., Riter, H., S., Almeida, M. L., Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B. (2021). Infants' and toddlers' digital media use and mothers' mental health: A comparative study before and during the COVID-19 pandemic. *Infant Mental Health Journal*, 43(1), 24–35. <https://doi.org/10.1002/imhj.21952>
- Radesky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Increased screen time: Implications for early childhood development and behavior. *Pediatric Clinics*, 63(5), 827–839. <https://doi.org/10.1016/j.pcl.2016.06.006>
- Radesky, J., & Hiniker, A. (2022). From moral panic to systemic change: Making child-centered design the default. *International Journal of Child-Computer Interaction*, 31, 1-6. <https://doi.org/10.1016/j.ijcci.2021.100351>
- Radesky, J. S., Kistin, C., Eisenberg, S., Gross, J., Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016). Parent perspectives on their mobile technology use: The excitement and exhaustion of parenting while connected. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics* 37(9), 694-701. <https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000357>
- Radesky, J. S., Silverstein, M., Zuckerman, B., & Christakis, D. A. (2014). Infant self- regulation and early childhood media exposure. *Pediatrics*, 133(5), 1172-1178. <https://doi.org/10.1542/peds.2013-2367>
- Robson, C., & McCartan, K. (2016). *Real world research: A resource for users of social research methods in applied settings* (4th ed.). Wiley.
- Rosa, L. C., Pedrotti, B. G., Mallmann, M. Y., & Frizzo, G. B. (2020). O Papel da coparentalidade e da rede de apoio materna no uso de mídias digitais por bebês. *Contextos Clínicos*, 13(3), 786-806. <https://doi.org/10.4013/etc.2020.133.04>
- Sociedade Brasileira de Pediatria [SBP]. (2020). *Manual de Orientação, Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital*. [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/\\_22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_\\_MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf)
- Straker, L., Zabatiero, J., Danby, S., Thorpe, K., & Edwards, S. (2018). Conflicting guidelines on young children's screen time and use of digital technology create policy and practice dilemmas. *The Journal of Pediatrics*, 202, 300-303. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2018.07.019>
- Vescovi, G., Riter, H. da S., Azevedo, E. C., Pedrotti, B. G., & Frizzo, G. B. (2021). Parenting, mental health, and Covid-19: A rapid systematic review. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(1), 1-28. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPC1913554>



Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Zack, E., & Barr, R. (2016). The role of interactional quality in learning from touch screens during infancy: Context matters. *Frontiers in Psychology*, 7, 1264. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01264>

### Como Citar:

Pedrotti, B. G., & Frizzo, G. B. (2024). Motivações maternas para não oferecer tecnologias aos seus bebês. *Revista Subjetividades*, 24(2), e13738. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i2.e13738>

---

### Endereço para correspondência

Bruna Gabriella Pedrotti  
gabriellapedrotti@live.com

Giana Bitencourt Frizzo  
gifrizzo@gmail.com



**Recebido:** 27/06/2022

**Revisado:** 15/12/2023

**Aceito:** 20/06/2024

**Publicado:** 16/08/2024